



Diary é um épico documental de seis horas, realizado entre 1973 e 1983 em Telavive, Paris e Brasil, por David Perlov. Mira, viúva do cineasta e produtora, é uma das protagonistas

no quarto e acharam ruim. Mas eu tinha uma espécie de fanatismo judaico. Em Israel, era frequente um irmão ser comunista, outro revisionista e o terceiro religioso. O fanatismo faz parte, para o bem e para o mal. Foi esse fanatismo e uma obstinação que construíram Israel - mas essa tendência também é perigosa, não deixa fazer compromissos.

Eu não suportava hipocrisia. Uma vez, o meu pai não quis me deixar sair para um acampamento do movimento. Disse-me para, pelo menos, ir para um movimento sionista religioso. Concordei em falar com um rabino. A primeira coisa que lhe disse foi: "Não acredito em Deus. Depois dessa guerra,

não posso acreditar". E ele disse: "Acreditar não é importante. O importante é *mitzvah*, obedecer à lei. Sábado é sábado, festa é festa". Para mim, isso foi uma amostra. Viver sem acreditar? Eu disse: "Não posso ser hipócrita com meu pai".

Quando se começaram a complicar as coisas, a minha família também não aceitava o David. "Quem é esse rapaz? E a família dele?" Comecei a me desligar da casa. Meu pai me fechava à chave, eu pulava pela janela e ia para o movimento, ia ter com David. E depois comecei a viver com ele. Até que, aos 18 anos, saí de casa mesmo. Foi um grande choque para a minha família. E, naquela época, foi um escândalo na comunidade judaica. Morámos juntos um ano.

[Quando David Perlov parte para Paris, estudar Belas-Artes, Mira não o acompanha e vai para um *kibbutz* em Israel, onde depois se deveriam encontrar.]

Foi uma crise. E senti que, se não fosse ter com ele, ia quebrar tudo. Aí, resolvi abandonar o *kibbutz* e fiquei com o David dois anos em Paris. Foi uma época muito difícil.

O David não perdoava [não o ter acompanhado inicialmente]. Fiz um esforço terrível para as coisas se endireitarem. Fui trabalhar como governanta, trazia dinheiro para nos sustentar. Por outro lado, foi muito intenso. Ele começou a fazer o primeiro filme [com a contribuição de diversos intelectuais e artistas, incluindo Jeanne Moreau, Alexander Calder, Czeslaw Milosz]. Morávamos fora de Paris, em Villejuif, um bairro comunista, de manhã todo o mundo lendo o *Humanité*, meio xenófobo - não contra judeus, mas não gostavam de estrangeiros.

David em Paris

E, naquela casa, na cave, o David achou um álbum extraordinário de desenhos de uma menina que morreu muito jovem de tuberculose, sobrinha da dona da casa. O primeiro filme dele foi sobre esses desenhos. Foi a época da Guerra do Suez, 1956-1957.

Ele começou a trabalhar na Cinemateca Francesa quando resolvi voltar para Israel. Mas aí não o abandonei. Concordámos. Ele ficaria porque lhe tinham oferecido esse trabalho e depois iria ter comigo. Ficou mais um ano a trabalhar com [o mítico director da Cinemateca Henri] Langlois e com [um dos grandes nomes da história do cinema documental, o holandês

Joris] Ivens, que ele conheceu por meio do Langlois.

Com o Ivens, o David aprendeu a montar, e aprendeu o que é fazer documentário, essa honestidade que ele admirava muito. Do Langlois, guardou sobretudo a paixão pelo cinema, de atravessar o oceano para salvar uma película. O Langlois era uma pessoa para a qual se peregrinava: Rossellini, Orson Welles, tantos outros. Hoje existem cinéfilos, mas este amor do fim dos anos 50 e 60 pela arte cinematográfica nunca mais voltou. Era o começo da *Nouvelle Vague*. O David chegou a conhecer o Alan Resnais, estava na casa dele quando ele esperava pela decisão da censura sobre o *Nuit et Bruillard* [filme sobre o Holocausto]. O Resnais emprestou-lhe uma câmara.

Paris era muito pequena, então. Como é que o David chegou a Jacques Prévert? Era dos poetas mais conhecidos e morava lá num quarto andar sem elevador... Tudo era meio pobre. Formidável. Havia uma espécie de comunhão entre intelectuais e artistas.

Um ano depois, o David veio para Israel. Ele veio em 1958, as minhas filhas [gémeas, Yael, hoje montadora de cinema, e Noemie, que trabalha com o coreógrafo Angelin Preljocaj] nasceram em 1959, e saímos do *kibbutz* em 1961.

O comportamento dele no *kibbutz*

era o mesmo que no movimento. Olhava tudo com certa reserva. O *kibbutz* era apaixonante, pela igualdade, pela falta de herança, pelas oportunidades. O nosso era brasileiro, mas falava-se Hebraico, porque todo o mundo queria aprender Hebraico. O David tinha um grande amor pelo Hebraico. Mesmo para ele, vir para Israel naquela época era uma coisa muito emocionante. Tinha adoptado o ideal sionista. E, anos depois, quando eu já começava a duvidar, como ele nunca foi fanático a favor, também nunca foi fanático contra.

Ainda antes dele chegar, houve uma resolução no *kibbutz*. Passávamos do colchão de palha para o colchão de molas. Eu pedi: "Já dormi bastante em colchão de molas. Gostaria de, com o mesmo dinheiro, comprar uma vitrola para ouvir música". Não permitiam. Isso era o *kibbutz*. E também, esteticamente, era meio sem forma. Quando chegou, o David logo percebeu tudo. Veio o Inverno, sentia frio, comprou um aquecedor. Mandou todo o mundo às favas - e riu.

Mas ele gostou do trabalho na terra. E, antes de pegar no tractor, passou alguns meses a trabalhar no lixo, pintava as latas e também o recolhia. Isso não é uma história de cristão? De descer ao trabalho mais baixo, mais humilde?



Mira, 1953